

## COTIDIANO E TELEJORNALISMO: A representação dos acontecimentos entre o sublime e o trágico

**Ana Regina Teixeira da Silva**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É graduada em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo –, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB (2004), e especialista em Jornalismo Cultural pelas Faculdades Integradas de Patos – FIP (2005). Atuou como repórter na agência News Comunicação e no Jornal da Paraíba. Atualmente, é repórter *freelancer*. Contato: aninteixeira@gmail.com.

### Resumo

Como o telejornalismo atua na transformação dos acontecimentos cotidianos em acontecimentos midiáticos? Esse é um dos questionamentos norteadores da pesquisa intitulada “O sublime e o trágico no telejornal: o caso dos Jogos Pan-americanos 2007 e do acidente da TAM no contexto do Jornal Nacional”, em curso no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Neste artigo, refletiremos sobre o tema, a partir das contribuições da Teoria do Cotidiano e da corrente sociológica do Formismo. Também são apontadas no texto as contribuições do campo da Estética, a partir dos conceitos de sublime e trágico.

**Palavras-chave:** Cotidiano. Telejornalismo. Acontecimento. Sublime. Trágico

### Abstract

How the TV newscast acts in the transformation of daily happenings into media happenings? That's one of leading questionings of the research entitled “The sublime and tragics in news broadcasting: the case of 2007 Pan American Games and the TAM air crash in Jornal Nacional context”, currently in course in the Postgraduate Program of Media Communication and Culture in the Universidade Federal da Paraíba (UFPB). In this article, we will reflect about the theme, from the contributions of the Theories about the Everyday Life and the Formism current sociology. Also mentioned in the text are contributions from the field of Aesthetics, from the concept of sublime and tragic.

**Keywords:** Everyday live. TV newscast. Happenings. Sublime. Tragic.

## 1 Televisão e cotidiano

Quando a vinheta do plantão da TV Globo interrompe a programação da emissora, o telespectador já espera uma notícia de impacto. Para se ter uma idéia de quão imediata é a interpretação dessa mensagem, basta citar que mais de 489 mil usuários do site de relacionamentos *Orkut* participam da comunidade virtual chamada “Eu tenho medo do Plantão” – a maior entre várias outras homônimas, ilustradas com imagens da vinheta<sup>1</sup>. De modo irreverente, os internautas indicam um saber aparentemente banal, inserido em nosso imaginário, sobre o receio diante repetição desse código que, do ponto de vista semiótico pode ser tido como elemento significante relativo a um acontecimento inesperado (que é o significado). Esse é um saber compartilhado pelos telespectadores daquela emissora, da ordem do senso comum.

Em suma, podemos inferir que a nossa reação perante a vinheta do *plantão da Globo* demonstra de maneira exemplar como a linguagem televisiva está integrada ao nosso repertório e, de modo mais amplo, à vida cotidiana. Por outro lado, observamos ainda que o fato de existir esse formato de *plantão jornalístico* pode ser revelador no tocante ao valor-notícia<sup>2</sup> conferido pelo telejornalismo aos acontecimentos cotidianos destacados como extraordinários.

Mas, o que entendemos por cotidiano? À luz do pensamento de Maffesoli (1995), percebermos que o enquadramento do cotidiano em um conceito é insuficiente para que tenhamos uma compreensão adequada de sua dimensão. Para o autor, mais que um conceito, o cotidiano pode ser entendido como estilo, enquanto forma abrangente e determinante na organização da vida social. É neste sentido que ele afirma: “a vida cotidiana é um bom revelador do estilo da época, pois destaca muito bem como a existência é determinada pelo sentido coletivo” (MAFFESOLI, 1995, p. 65).

O cotidiano, por esta acepção, se articula a partir de três elementos: o mundo da vida, a vida cotidiana e a cotidianidade. Por *mundo da vida*, entendemos o mundo intersubjetivo anterior a nossa existência, cuja estrutura sócio-cultural nos é dada. Neste sentido, recorreremos ao pensamento de Schutz (*apud* CORREIA, 2005), segundo o qual, o mundo da vida compreende o mundo das evidências, dos significados intersubjetivamente partilhados, por

<sup>1</sup> Disponível em <[www.orkut.com](http://www.orkut.com)>. Acesso em 29 de agosto de 2008.

<sup>2</sup> Este conceito é definido pela resposta a seguinte pergunta: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (Wolf, 1995, p.175). Os valores-notícia permitem que os acontecimentos sejam selecionados rapidamente, de maneira quase automática.

meio da linguagem, que atua como sistema de tipificação da experiência cotidiana. Já o conceito de *vida cotidiana* diz respeito a forma de organização espaço-temporal dos indivíduos, estabelecida a partir de ações concretas como o trabalho, por exemplo. E a *cotidianidade* está relacionada à adjetivação dos procedimentos cotidianos.

A comunicação, por sua vez, exerce um papel fundamental na organização da vida cotidiana, através da interação entre os sujeitos e da troca de significados. O que percebemos é que, atualmente, com o espaço público deslocado para o domínio da mídia, essa interação passa a ser mediada. O próprio cotidiano é mediado pelo conceito de informação, que passa a ocupar o espaço das grandes narrativas.

A partir das contribuições da corrente sociológica do Formismo<sup>3</sup>, representada por autores como Georg Simmel, Georges Balandier e Michel Maffesoli, destacamos outro aspecto importante na relação entre a mídia e o cotidiano que é a teatralização. Esta se refere às estratégias de encenação através das quais os atores sociais asseguram os jogos de aparência e representação. A teatralidade tem na repetição um de seus fundamentos e, por isso, acreditamos que essa é uma característica da apresentação dos acontecimentos tratados pela mídia, cujas imagens e informações são repetidas constantemente e atuam na auto-referência.

Influenciada pelo pensamento maffesoliano, Piccinin (2006, p. 2) também afirma que a idéia de ritual, que é uma marca da tendência de retribalização da sociedade pós-moderna, tem na mídia um poderoso catalisador, já que a comunicação “se apresenta como atualização arquetípica do totem pós-moderno”. Nesse contexto, a televisão tem um papel de destaque, segundo a pesquisadora, em decorrência de seu modo de consumo, que ainda é mais acessível que outras mídias, bem como pelo fato de a essência da linguagem televisiva estar ligada à imagem.

Assim, dado o espaço que a televisão continua a ocupar no dia-a-dia da população brasileira, apesar da expansão das novas tecnologias de comunicação no país, podemos inferir que os telejornais, especialmente os produzidos por emissoras da TV aberta, constituem instrumentos de apreensão dos fatos e fenômenos que, nos termos schutzianos, estão fora do nosso alcance.

<sup>3</sup> O formismo indica, conforme Maffesoli (1998, p. 82), a valorização da aparência na análise da vida social. Ele defende que a forma dos objetos sociais é “a matriz que gera todos os fenômenos estéticos que delimitam a cultura pós-moderna”. Essa abordagem privilegia, de acordo com o autor, a investigação dos fatos tal como se apresentam, observando os elementos contraditórios que o constituem. “A forma é, portanto, uma maneira de reconhecer a pluralidade dos mundos, tanto no plano do macrocosmo geral, do cosmo social, quanto no do microcosmo individual (...) ela favorece a unicidade, dá coesão díspares. (...) De fato, a noção de forma, e o formismo que é a expressão desta, incitam a considerar que esses diversos elementos, por sua sinergia própria, nos dão acesso a uma estrutura específica, nos levam a enxergar a realidade como uma globalidade” (MAFFESOLI, 1998, p. 86).

Observando a forte presença desse gênero no dia-a-dia da população brasileira, VIZEU (2005), postula que “os telejornais desempenham no Brasil um papel central no conhecimento do mundo” e avança nesta perspectiva com a hipótese de que “o telejornalismo representa um *lugar de referência* para os brasileiros muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo”. (VIZEU, 2008, p. 12).

## 2 Dos acontecimentos às notícias

O acontecimento é definido ora como todo fenômeno que se produz no mundo, ora de maneira restritiva como todo fato que está fora da ordem habitual. Ora o acontecimento é confundido com a novidade, ora ele se diferencia dela, sem que se defina a diferença. Ora defende-se a idéia de que o acontecimento é um dado da natureza, ora sustenta-se que ele é provocado (CHARAUDEAU, 2005, p. 95).

Não obstante às controvérsias quanto ao conceito de acontecimento, Charaudeau defende na obra *Discurso das Mídias* que os acontecimentos podem ser observados como fenômenos em estado bruto, da ordem do “mundo a comentar”. No entanto, ao serem tratados pela mídia são sempre construídos, tendo em vista, sobretudo, seu potencial de atualidade, socialidade e imprevisibilidade.

O acontecimento veiculado pelo telejornalismo – desde sua seleção até a apresentação ao público – é condicionado por aspectos como as rotinas produtivas e a cultura profissional dos jornalistas, os critérios da empresa e do próprio campo jornalístico (normas de estilo, orientações dos manuais e especificidades técnicas do telejornalismo).

Partindo da fenomenologia de Schutz, Correia (2005) afirma que é por meio do sistema de relevância<sup>4</sup> dos jornalistas que se dá decisão do que é notícia: eles decidem que fato é ou não importante. Desta maneira, a mídia atua na alteração ou consolidação dos sistemas de relevância da sociedade, agindo sobre os interesses comuns dos atores sociais. Nesta perspectiva, a definição do que deve ser noticiado se dá por meio de um *saber de reconhecimento* dos jornalistas, pautado no conceito de valor-notícia. Conforme Wolf (1995), esse valores permitem que os acontecimentos sejam selecionados rapidamente, de maneira quase automática, como exige o próprio telejornalismo. Haveria, assim, *quatro pressupostos implícitos ou de considerações relativas* dos quais derivariam os valores-notícia: “a) às características substantivas das notícias; ao seu conteúdo; b) à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo; c) ao público; d) à concorrência” (WOLF, 1995, p.179).

<sup>4</sup> A relevância, segundo Correia (2005, p. 127), é o “dispositivo pelo qual se elege o que é importante para um ator ou grupo social”.

A aplicação da fenomenologia de Schutz à teoria da notícia, empreendida por João Carlos Correia, também traz outro conceito importante para a compreensão da transformação do acontecimento em notícia: a tipificação. De acordo com o autor, esta noção engloba os processos generalizadores pelos quais lidamos com o mundo de maneira típica. Presentes em situações comuns da vida cotidiana, as tipificações no âmbito do jornalismo ajudam o profissional a lidar com os acontecimentos inesperados, brutais e diferentes, estabelecendo regularidades e procedimentos rotinizadores.

Outra contribuição importante é o conceito de notícia, formulado pelo pesquisador Alfredo Vizeu, que associa os elementos que determinam a produção da informação – rotinas produtivas e cultura profissional dos jornalistas, critérios de noticiabilidade - ao conceito de representação social, proposto por Moscovici (2003), a partir da definição de representação coletiva, indicada pelo teórico Émile Durkheim. Deste modo, conforme Vizeu, notícia é:

É uma representação social da realidade cotidiana, um bem público, produzido institucionalmente, que submetida às práticas jornalísticas possibilita o acesso das pessoas ao *mundo dos fatos* (dia a dia) ao qual não podem aceder de maneira imediata. Esses fatos devem interessar a um grande número de indivíduos e responder a critérios de noticiabilidade como novidade, imprevisibilidade, excepcionalidade, relevância, notoriedade dos envolvidos, raridade e conflito. No processo da enunciação eles são submetidos a operações e construções jornalísticas *transformando-se* em notícias (VIZEU, 2005).

Charaudeau (2005) aponta para a existência de três modos discursivos na construção do acontecimento midiático: acontecimento relatado, identificado pela notícia, que reúne fatos, ações e ditos; acontecimento comentado, que busca o porquê e o como, através de análise e opiniões especializadas; e acontecimento provocado, que constrói um debate público em torno do fato. Sobre este último, o autor lança um questionamento sobre o limite ético da ação da mídia, que corre o risco de “fazer da informação um objeto de espetáculo” (CHARAUDEAU, 2005, p.191).

Convém aqui lembrarmos o conceito de espetáculo, que no sentido preconizado por Debord (1997, p.14), define “uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”. Neste sentido, os eventos mediados pela televisão, de acordo com Piccinin (2006, p. 4), “ao se formatarem ao padrão audiovisual, se tornam matéria-prima de excelência para a produção espetacular dos acontecimentos de acordo com as demandas midiáticas”.

Em uma reflexão mais ampla, Rodrigues (19--, p. 85) observa que “o telejornal realiza de facto em concentrado, em germe, o grande sonho do poder: ordenar a totalidade do real, registrar todos os acontecimentos, nada deixar de fora do seu registro classificatório, escrever a sua marca nos corpos e nos gestos (...)”.

### 3 O sublime e o trágico no telejornal nosso de cada dia

Nossa pesquisa, em curso no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas da Universidade Federal da Paraíba, analisa como os acontecimentos cotidianos são representados pelo telejornalismo, a partir de uma oscilação entre o discurso do sublime e do trágico. Para tanto, temos como objeto de estudo a cobertura conferida pelo Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, a dois acontecimentos: os Jogos Pan-americanos, realizados na cidade do Rio de Janeiro, de 13 a 29 de julho de 2007, e o acidente com um avião da companhia aérea TAM, ocorrido em 17 de julho do mesmo ano, em Congonhas (São Paulo), e considerado o mais grave da história de aviação brasileira.

Precisamos observar que estes foram fatos de natureza distinta. Os Jogos Pan-americanos são realizados a cada quatro anos, em países da América do Sul, Central e do Norte, na condição de evento planejado conforme a lógica “esporte-espetáculo”. Esta, conforme Sanfelice e Hatje (2001, p. 1-2), é caracterizada por ter como finalidades: “o grandioso, o sensacional, o emocionante”; e a mediação: “é no dito espetáculo que o espectador se sente integrante do evento, mesmo que não esteja presente no local”. A primeira finalidade nos leva a classificar este tipo de evento dentro da categoria estética do sublime que, de acordo com Paiva (2005, p.2), “designa também um superlativo do belo”, que “arrebata os sentidos através de uma estética, cujas emanções afetivas podem orientar os espectadores nos campos da ética, educação e conhecimento”.

Já o acidente pode ser configurado como um episódio trágico, no sentido explicado por Luna (2005), segundo o qual esses acontecimentos além de conjugar aspectos como dor e sofrimento, trazem consigo um componente de incongruência, que desafia o pensamento lógico e racional. São fatos considerados inesperados, imerecidos, incompreensíveis, geralmente, têm a morte como um de seus principais elementos. Enquanto categoria estética, o trágico encontrou respaldo, especialmente, na literatura e no teatro, através do gênero da tragédia. Embora haja indícios da presença desse tipo de manifestação artística em outras culturas, foi na Grécia antiga que ele alcançou sua forma clássica. Mesmo havendo distorções entre a concepção do trágico na Antigüidade e no mundo atual, concordamos com a pesquisadora Sandra Luna, quando esta aponta a tragédia e o drama atual como estratégias de racionalização do elemento trágico.

O trágico continua a ser a angústia ocidental, patenteada na necessidade mesma de confrontá-lo que ainda alimenta a religião e a filosofia, além de outros saberes, sendo o poder dessa temática efetivo o bastante para garantir os mais altos índices de

audiência em nossos meios de comunicação. Não por acaso, a “indústria” do trágico sempre se sustentou com muita facilidade (LUNA, 2005, p.20).

Acreditamos que a classificação de acidentes aéreos como o ocorrido com a aeronave da TAM, em 2007, como tragédias faz referência também ao arquétipo da viagem trágica, que é recorrente no imaginário ocidental, das manifestações artísticas aos acontecimentos históricos. Temos exemplos dos naufrágios dos heróis míticos nas narrativas gregas, em passagens bíblicas como no caso dos relatos das viagens do apóstolo Paulo à Roma, nas expedições organizadas por exploradores europeus da era quinhentista, e no acidente com o grandioso navio Titanic. A partir do surgimento da aviação comercial, no século XX, se inicia um histórico de acidentes envolvendo muitas vítimas fatais em todo o mundo. No Brasil, só no caso da companhia aérea TAM se tem notícia de pelo menos seis acidentes com vítimas fatais, sendo os mais graves um ocorrido em 1996, quando uma aeronave Fokker-100 caiu sobre uma área residencial de São Paulo, deixando 99 mortos, e o acidente cuja cobertura jornalística é objeto de nossa pesquisa, no qual morreram 199 pessoas.

Assim, embora o acidente e a competição sejam de natureza antagônica, observamos numa investigação preliminar sobre nosso objeto que ambos os temas tiveram maior destaque que outros fatos em, pelo menos 11 edições do JN, entre os dias 17 e 28 de julho.

No caso da competição, a mídia potencializa a sensação de acompanhamento do evento desde a escolha do Rio de Janeiro como cidade sede, em 2002, até seu planejamento e organização – das obras de infra-estrutura à preparação dos atletas. A cobertura jornalística se intensificou nos primeiros dias dos Jogos, em tom de euforia e ufanismo até a noite do acidente (17/07). Nesta edição, percebemos que há um agendamento total deste acontecimento em relação aos demais temas. Tanto que, ao invés de sua programação normal, o telejornal cede espaço à cobertura ao vivo:

O ‘Jornal Nacional’ entrou às 20h37 (22 minutos depois que o normal) e durou 1h03min. Pelo menos dez minutos de noticiário sobre o Pan foram jogados fora. William Bonner parecia âncora de rádio, entrevistando repórteres. (...) O ‘JN’ de terça de 47 pontos, maior audiência desde maio de 2006 (ataques do PCC). (...) As diretorias de jornalismo da Globo e Record consideram que fizeram ótimas coberturas (CASTRO *apud* MAGALHÃES, 2007).

Considerando que, conforme afirma Vizeu (2006), o JN tem uma duração média de 26 a 28 minutos e a informação acima de que, no mínimo *dez minutos de noticiário sobre o Pan* foram descartados, observamos o acidente assumir o lugar do evento, posto que de alguma forma se torna também um evento, mas de maior apelo emocional. Com a confirmação do número de mortos e a constatação da *maior tragédia aérea da história da aviação brasileira* a

tendência de agendamento se confirma, mas a competição permanece como uma espécie de segundo tema de interesse para o telejornal por vários dias.

Percebemos, assim, a contradição presente numa narrativa jornalística que se fundamenta na espetacularização - ora do trágico, ora do sublime - uma vez que, a mídia aparentemente se aproveita do paradoxo para imprimir tons mais fortes à representação, de forma a arrebatar a atenção do público através do sensacionalismo. Ao pensar a contradição, retomamos o pensamento do formismo que, segundo Maffesoli (1998, p. 86) “mantém juntos todos os contraditórios”, numa tentativa de descrever e compreender os objetos sociais em seu conjunto.

#### 4 Considerações Finais

Em nossa análise observamos que o telejornalismo, ao tentar resolver o paradoxo, promove uma estetização dos acontecimentos, usando recursos similares à ficcionalização, dramatizando os fatos. Esse tratamento, que tende para o sensacionalismo, pode ser também pensado a partir do conceito de *fait divers*, estabelecido por Roland Barthes, na obra *Essais Critiques* (1964), que, denomina os fenômenos do cotidiano, cujas características são marcadas pelo excepcional e, por isso, recebem um tratamento midiático assinalado pelo tom emocional.

É oportuno ponderar, ainda, que uma característica do acontecimento real seria o fato de este ter uma temporalidade fixa, enquanto acontecimento midiaticizado torna-se a-histórico. Assim, à medida que a estética da repetição atualiza acontecimentos como o acidente com o avião da TAM constantemente, a noção de temporalidade se esvai.

Analisando a dimensão estética dessas narrativas, inferimos que a representação dos acontecimentos dentro das categorias *sublime* e *trágico* pode ser observada como uma constante no modo discursivo do telejornalismo. Acreditamos também que, nos casos observados, há um deslocamento da experiência trágica que, segundo Nietzsche (1983), promove a catarse, desencadeando as reações mais nobres dos seres humanos para uma dimensão sublimada, esteticamente dramatizada do acontecimento.

#### Referências:

BARTHES, Roland. **Essais critiques**. Paris: Éditions De Seuil, 1964.

MAGALHÃES, Luís Antônio. **Acidente aéreo pega redes desfalcadas, mas dá ibope**. Folha de São Paulo, 19/07/2007. In: Observatório da Imprensa. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=442ASP015>> Acesso em: 22 de junho de 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução Angela S. M. Corrêa. - São Paulo: Contexto, 2006.

CORREIA, João Carlos. **A Teoria da Comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Revisão: César Benjamin. Rio de Janeiro. Contraponto, 1997.

LUNA, Sandra. **Arqueologia da ação trágica: o legado grego**. João Pessoa: Idéia, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1995.

\_\_\_\_\_. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MOSCOVICI, Serge. **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: Investigações em Psicologia Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. In: Obras Incompletas / Friedrich Nietzsche. S. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. Paulo: Abril Cultural, 1983.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. **Epifanias do sublime, do trágico e do maravilhoso na minissérie Hoje é dia de Maria: Mídia e cultura no tempo das artes tecnológicas**. In: BOCC, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/paiva-claudio-epifania-do-sublime.pdf>> Acesso em: 01 de julho de 2007.

PICCININ, Fabiana. **Acontecimentos na televisão: rituais da pós-modernidade**. In: BOCC, 2006. Disponível em <[www.bocc.ubi.pt/pag/piccinin-fabiana-acontecimentos-na-televisão.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/piccinin-fabiana-acontecimentos-na-televisão.pdf)> Acesso em: 20 de junho de 2008.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O Campo dos Media: discursividade, narratividade, máquinas**. Lisboa: Vega [19--].

SANFELICE, Gustavo Roese e HATJE, Marli. **Jogos Olímpicos de Sidney/2000: Um estudo da cobertura esportiva**. In: Intercom, 2001. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1904/4294>> Acesso em: 30 de junho de 2008.

VIZEU, Alfredo. **Telejornalismo: o conhecimento do cotidiano**. Disponível em <[www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2005/alfredovizeu2005.doc](http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2005/alfredovizeu2005.doc)>. Acesso em 03 de agosto de 2008.

\_\_\_\_\_. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Dissertação. In Bocc 2002. Disponível em <[http://bocc.unisinos.br/\\_esp/autor.php?codautor=718](http://bocc.unisinos.br/_esp/autor.php?codautor=718)> Acesso em: 30 de Janeiro de 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4. Ed. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo.- Porto: Presença, 1995.